

## Uma descrição semântica para o uso do diminutivo\*

### *A semantic description for using the diminutive*

Carina M. M. Niederauer\*\*

Andréia Inês Hanel Cerezoli\*\*\*

#### Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo demonstrar, pelo viés enunciativo, como o sentido é produzido no uso de diminutivos, tendo como *corpus*, a crônica de Luís Fernando Verissimo, “Diminutivos”. A base teórica que fundamenta este estudo é: o diminutivo na perspectiva da gramática normativa (BECHARA; CUNHA e CINTRA); a Teoria da Argumentação na Língua (DUCROT); e a leitura sob o olhar enunciativo (AZEVEDO; TEIXEIRA). Os resultados demonstram que uma concepção de leitura enunciativa do diminutivo, como a aqui proposta, poderia colaborar para desenvolver habilidades de leitura, levando o leitor a compreender de forma proficiente um discurso.

#### Palavras-chave

Produção de sentido. Diminutivos. Teoria da Argumentação na Língua.

#### Abstract

This research aims to demonstrate, by the enunciative bias, how the meaning is produced in the use of diminutives, having as its corpus, the chronicle of Luís Fernando Verissimo, “Diminutives”. The theoretical basis for this study is: diminutive from the perspective of normative grammar (BECHARA; CUNHA e CINTRA); the Theory of Language Argumentation (DUCROT); and reading from the enunciative perspective (AZEVEDO; TEIXEIRA). The results demonstrate that a conception of enunciative reading of the diminutive, as proposed here, could collaborate to develop reading skills, leading the reader to understand a discourse proficiently.

#### Keywords

Meaning production. Diminutives. Language Argument Theory

---

\* Artigo de autoras convidadas.

\*\* Universidade de Caxias do Sul (UCS).

\*\*\* Universidade de Caxias do Sul (UCS); Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

## Introdução

Toda e qualquer pesquisa científica não é fruto de mero acaso, mas resultado de diferentes motivações. O estudo aqui apresentado é motivado por dois níveis de observação/utilização da língua. O primeiro, como usuários de língua<sup>1</sup>, pode ser demonstrado pela crônica de Verissimo, “Diminutivos”, que explica, pelo viés literário, diferentes usos do diminutivo no cotidiano do brasileiro que, segundo o cronista, tem mania de reduzir tudo à mesma dimensão, seja um cafezinho, um cineminha ou uma vidinha. O segundo, como linguistas semanticistas, neste caso, oriundo da provocação de Oswald Ducrot em entrevista concedida a Antônio Carlos Xavier (2012) que orienta jovens linguistas a realizar pesquisas que estudem a palavra:

Tudo o que concerne à enunciação deve ser atualmente objeto de atenção dos jovens linguistas. Todavia, é preciso igualmente continuar a estudar a matéria mesmo da língua, *estudar a palavra*, a gramática, estudar o modo como as palavras se organizam nas frases, não procurar fazer estudos aéreos, fora da realidade, eles devem entrar na realidade da língua e ver os problemas de sintaxe (XAVIER, 2012, p. 16, grifo nosso).

Então, como linguistas semanticistas, temos como objetivo demonstrar, pelo viés enunciativo, como o sentido se constitui no uso de diminutivos, para isso, elegemos como *corpus*, a crônica de Luís Fernando Verissimo, “Diminutivos”. Nela, selecionamos alguns enunciados e realizamos a análise e a descrição semântica de elementos associados ao sufixo diminutivo *-inho*. A investigação justifica-se, na medida em que o diminutivo é adotado nesta investigação como um elemento modificador, a exemplo de Silva (2002), que apresenta a produtividade na Língua Portuguesa para atenuar a força argumentativa de elementos plenos.

Para uma melhor compreensão, este estudo está organizado em quatro seções. As três primeiras destinadas a esclarecer o percurso teórico empreendido, e a quarta voltada a apresentar a contribuição analítica desta investigação. A primeira seção examina duas gramáticas normativas de Língua Portuguesa, reconhecidas e respeitadas no meio acadêmico, buscando as descrições já normatizadas para o diminutivo, possibilitando uma comparação entre a descrição normativa e a descrição enunciativa do diminutivo. Num segundo momento, apresentamos a noção ducrotiana de *modificador*, para fundamentar a descrição aqui realizada, pela sua característica

---

<sup>1</sup> Adotando a distinção estabelecida para diferenciar os usuários do sistema linguístico, entende-se por usuário de língua aquele que faz da língua um instrumento para conferir sentido às suas interações verbais, suprimindo as demandas que a sociedade lhe coloca (AZEVEDO, 2016a, p. 49).

immanentista que descreve e explica o sentido pelas suas relações inter e intralinguísticas. Encerrando o percurso teórico, evidenciamos algumas características da leitura na perspectiva enunciativa, que descreve a cena enunciativa da leitura com a implicação de um leitor que reconstrói o *sentido do enunciado/discurso* a partir das indicações ali presentes.

A quarta seção é destinada à análise de alguns enunciados da crônica de Verissimo, buscando descrever e explicar o uso do diminutivo como um *modificador* com forte potencial argumentativo.

Convidamos, então, o leitor, a dedicar um minutinho de atenção à leitura deste trabalho e descobrir como uma “palavrinha” pode assumir grande potencial na constituição do sentido de um enunciado/discurso.

### **Tamanho, afetividade e desprezo: o valor do diminutivo pelo viés da gramática normativa**

Esta seção apresenta como duas gramáticas normativas descrevem o diminutivo, são elas: a *Moderna Gramática Portuguesa* (2009), de Evanildo Bechara e a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2001) de Celso Cunha e Lindley Cintra. A escolha dessas gramáticas se deve ao reconhecimento do trabalho desses autores, no que se refere à norma padrão da língua portuguesa.

Na *Moderna Gramática Portuguesa*, Bechara aborda a flexão de grau no capítulo “Gramática descritiva e normativa: as unidades no enunciado”. Em seu subcapítulo “Substantivo” destina dois tópicos para a descrição do diminutivo: “Aumentativos e diminutivos” e “Aumentativos e diminutivos afetivos”, discussões que não ocupam mais que uma página. De acordo com o gramático, os substantivos apresentam-se com a sua significação aumentada ou diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais: homem – homenzarrão – homenzinho, com forte tendência a uma visão referencialista da língua.

Já no tópico “Aumentativos e diminutivos afetivos” Bechara refere que:

Fora da ideia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas, *sempre em função da significação lexical da base*, auxiliados por uma entoação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa etc.) e os entornos que envolvem falante e ouvinte: *poetastro, politicalho, livreco, padreco, coisinha, issozinho*.

Dizemos então que os substantivos estão em sentido pejorativo.

À ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas das seguintes bases léxicas: *paizinho, mãezinha, querida*

(BECHARA, 2009, p. 141, grifo nosso).

No subcapítulo “Advérbio”, Bechara (2009, p. 295) indica que se pode expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, exemplificando com situações como: “Acordava *cedinho* e só voltava à *noitinha*.” Na segunda parte do capítulo II, “Estrutura das unidades: análise mórfica” o autor aborda os “Sufixos” cuja descrição faz alusão ao seu emprego:

Os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-las com exatidão, *adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma*. Ao lado dos valores sistêmicos, associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam, dos quais não se dissociam. [...] Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem ainda carinho: *mãezinha, paizinho, maninho* (BECHARA, 2009, p. 357, grifo nosso).

Fazemos aqui algumas observações quanto à descrição do diminutivo feita por Bechara: (1) ao afirmar que o diminutivo associado a substantivos tem potencial para expressar desprezo ou crítica em função da sua significação de base, o gramático não consegue explicar casos como “Maria prendeu a presilha com força”, que não refere uma *presa pequena*, mas um artefato usado para prender ou fechar roupas ou adereços; (2) entendendo-se o superlativo como a expressão muito elevada de uma qualidade, não é possível explicar usos como “Chegava à tardinha” que não significa muito tarde, mas o final da tarde ou “Começava a trabalhar à noitinha” que não tem o sentido de “noite absoluta”, mas de início da noite; e (3) quanto aos sufixos, facilmente podemos admitir que eles não aparecem com uma só aplicação, mas é difícil concordar que o uso adequado dos sufixos requer completo conhecimento do idioma, isto é, que apenas eruditos em Língua Portuguesa poderiam empregar os sufixos adequadamente. Ora, os usuários de língua, mesmo em fase de aquisição, fazem uso de sufixos nas suas interações verbais, alcançando sucesso nessas interações.

Na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, por sua vez, Celso Cunha e Lindley Cintra descrevem o diminutivo em três momentos: no capítulo 6 “Derivação e composição”; no capítulo 8 “Substantivo”; e no capítulo 14 “Advérbio”.

No capítulo 6, a descrição do diminutivo aparece em função dos sufixos. Os autores trazem um quadro com os principais sufixos empregados em português, quadro este que será adaptado a este trabalho. Os gramáticos apresentam uma análise paralela que pretende mostrar o emprego e o valor dos sufixos, mas não

conseguem definir nem um nem outro, concentrando-se na filologia dos sufixos.

Quadro I – Sufixos em Língua Portuguesa

<i>SUFIXO</i>	<i>EXEMPLIFICAÇÃO</i>
-INHO, -A	TOQUINHO, VOZINHA
-ZINHO, -A	CÃOZINHO, RUAZINHA
-INO, -A	PEQUENINO, CRAVINA
-IM	ESPADIM, FORTIM
-ELHO, -A	FOLHELHO, RAPAZELHO
-EJO	ANIMALEJO, LUGAREJO
-ILHO, -A	PECADILHO, TROPILHA
-ACHO, -A	FOGACHO, RIACHO
-ICHO, -A	GOVERNICO, BARBICHA
-UCHO, -A	PAPELUCHO, CASUCHA
-EBRE	CASEBRE
-ECO, -A	LIVRECO, SONECA
-ICO, -A	BURRICO, MARICA (S)
-ELA	RUELA, VIELA
-ETE	ARTIGUETE, LEMBRETE
-ETO, -A	ESBOCETO, SALETA
-ITO, -A	RAPAZITO, CASITA
-ZITO, -A	JARDINZITO, FLORZITA
-OTE, -A	VELHOTE, VELHOTA
-ISCO, -A	CHUVISCO, TALISCA
-USCO, -A	CHAMUSCO, VELHUSCO
-OLA	FAZENDOLA, RAPAZOLA

Fonte: (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 90-91, adaptado).

O capítulo 8, no item “Grau”, explica que: “Um substantivo pode apresentar-se: [...] com sua significação atenuada, ou valorizada afetivamente (grau diminutivo): chapeuzinho, boquinha; [...]” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 198). Na sequência, os autores esclarecem que quando um substantivo é apresentado no grau diminutivo, nem sempre está indicando tamanho diminuído: “O emprego de sufixos diminutivos indica ao leitor ou interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a linguagem afetiva no primeiro plano. [...] quer seja carinho, saudade, desejo, prazer, quer, digamos, um

impulso negativo: troça, desprezo, ofensa.” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 198).

Já no capítulo 14, os gramáticos indicam que o advérbio pode assumir uma forma diminutiva (com sufixo *-inho* e *-zinho*) e adquirir valor de superlativo: cedinho, devagarinho etc. (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 551).

Quer como sufixo, quer como flexão de grau, ambas as gramáticas indicam que o sentido dos diminutivos deve ser descrito considerando seu uso. Embora ultrapassem a descrição semântica do diminutivo em relação ao tamanho, reconhecendo na atualização do diminutivo a produção de sentido como desprezo ou carinho, parecem incapazes de explicar o uso de diminutivos como em “Há um *fiozinho* de esperança”.

Tendo em vista o que a gramática normativa consegue explicar a respeito do uso do diminutivo, esta investigação pretende descrever o diminutivo como um recurso da língua ainda mais produtivo, quando observado, descrito e analisado pelo viés da Semântica Argumentativa.

### **Possibilidades e restrições: o diminutivo na perspectiva imanentista da teoria da argumentação na língua**

Esta seção tem como objetivos: (1) explicar o diminutivo, tomando por base o conceito de *língua* de Saussure; (2) apresentar a relação da TAL com a perspectiva imanentista saussuriana para explicar discursivamente o uso de diminutivos; e (3) justificar a noção ducrotiana de modificador na análise discursiva de diminutivos.

Atender plenamente ao primeiro objetivo desta seção, por si só, já resultaria em uma pesquisa interessantíssima, dado o grande número de estudos que são desenvolvidos hoje com base nos estudos saussurianos. Nosso interesse, aqui, não é esgotar as pesquisas que abordam o diminutivo, nem as que abordam os textos saussurianos, nem aquelas que unem os dois. Nossa decisão é consultar dois textos tradicionalmente atribuídos às ideias saussurianas: (a) o *Curso de Linguística Geral* (CLG) e (b) *Escritos de Linguística Geral* (ELG), buscando reunir elementos que justifiquem um estudo imanentista do diminutivo.

O *diminutivo*, quer por um ou outro sufixo, já está previsto como potencialidade na *língua*. Por isso, já no capítulo III da Introdução do CLG, que explica o Objeto da Linguística, Saussure questiona:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um

produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotada pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (CLG, 2006 p. 17).

Na visão saussuriana, a linguagem não pode ser tomada como objeto de uma ciência, pois não se sabe como inferir sua unidade, dado ser multiforme e heteróclita, já a *língua* é um objeto bem definido no conjunto da linguagem, é repetível, por isso pode ser estudada, isto é: “Pode-se localizá-la na porção determinada do circuito em que uma imagem acústica vem associar-se a um conceito. Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; [...]” (CLG, 2006, p. 22), significa dizer que os usuários de língua podem atualizar os sufixos diminutivos, sempre com novo sentido, mas um só usuário não pode criar sufixos diminutivos, não previstos no sistema da língua.

Nessa perspectiva, entendemos o *diminutivo* como uma potencialidade da língua, *forma* já prevista no sistema linguístico, cujo valor é inteiramente determinado pela sua relação com outros termos da língua, logo não é possível atribuir ao diminutivo apenas o sentido de pequenez.

Outro aspecto que reforça a metodologia eleita para esta pesquisa é encontrada nos ELG (2004, p. 71), segundo o qual “[...] a língua não consiste de um conjunto de valores *positivos* e *absolutos*, mas de um conjunto de valores *negativos* ou de valores *relativos* que só têm existência pelo fato de sua oposição.” Diante disso, é possível dizer que o valor do sufixo diminutivo não está determinado *a priori*, mas vale em relação aos outros elementos que o rodeiam ou estão previstos no sistema da língua. Exemplificamos, sem ainda ter respostas.

A Língua Portuguesa admite como sufixo diminutivo - *inho* e - *ebre* - para o elemento *casa* - mas o que leva o usuário a atualizar *casinha* ou *casebre* em determinado discurso, ou ainda, porque alguns elementos da língua preveem mais de um sufixo para atualizar o diminutivo e outras não? Enigmas da língua que ainda não têm a devida explicação, mas que nos desafiam a buscar possíveis respostas.

Podemos, então, determinar como metodologia de pesquisa a perspectiva imanentista, ou seja, a análise e descrição do uso discursivo do *diminutivo* pelas suas relações inter e intralinguísticas.

A esta altura, podemos passar ao segundo objetivo desta investigação que consiste na apresentação dos vínculos da TAL - à perspectiva imanentista de Saussure para explicar discursivamente o uso de diminutivos.

Em sua primeira conferência no Seminário Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso, proferida na Universidad del Valle em Cali, na Colômbia, em 1988, Ducrot destaca que a TAL opõe-se à concepção tradicional de sentido, visto que, segundo essa concepção, no sentido de um enunciado, distinguem-se três aspectos, são eles: (1) objetivo, que corresponde a uma representação da realidade; (2) subjetivo, que diz respeito à atitude do locutor frente à realidade; e (3) intersubjetivo, que faz referência às relações do locutor com as pessoas a quem se dirige. Na concepção tradicional, o aspecto objetivo refere-se ao sentido denotativo, enquanto os demais aspectos referem-se ao conotativo. (DUCROT, 1990)

A proposta de Ducrot (1990, p. 50) é a de “[...] suprimir esta separação entre denotação e conotação [...]”<sup>2</sup> porque a linguagem ordinária não apresenta uma parte objetiva, os enunciados da língua não dão acesso direto à realidade nem a descrevem diretamente. Na perspectiva ducrotiana, “[...] se a linguagem ordinária descreve a realidade, faz por intermédio dos aspectos subjetivo e intersubjetivo. A maneira como a linguagem ordinária descreve a realidade consiste em fazer dela o tema de um debate entre os indivíduos.” (DUCROT, 1990, p. 50)<sup>3</sup>. A originalidade da TAL consiste na unificação dos aspectos subjetivos e intersubjetivos, num conceito chamado de *valor argumentativo* dos enunciados, isto é, a orientação dada por uma determinada palavra, possibilitando algumas continuações em um discurso e impedindo outras. Exemplificamos o que é dito a seguir.

#### Enunciado (1) *Maria está gordinha*

Nesse enunciado, a descrição que damos de Maria, embora pareça objetiva (na ótica da concepção tradicional de sentido), é, na perspectiva ducrotiana, uma maneira de levar o interlocutor a ter determinado entendimento em relação ao que é dito sobre ela, possibilitando continuações tais como *portanto* “com certeza aumentou o manequim”, “seu estado de saúde melhorou”, “ela está fora de seu peso ideal” e impedindo<sup>4</sup> continuações como *portanto* “deve estar desnutrida”. Ducrot defende que a descrição semântica de uma palavra, num dado enunciado, deve ser capaz de indicar a orientação argumentativa que essa palavra exerce no enunciado, quer dizer

---

<sup>2</sup> [...] es suprimir esta separación entre denotación y connotación [...].

<sup>3</sup> [...] es suprimir esta separación entre denotación y connotación [...].

<sup>4</sup> Salvo em enunciados irônicos.



“[...] o valor argumentativo como o nível fundamental da descrição semântica.” (DUCROT, 1990, p. 51)<sup>5</sup>. Muitos pontos poderiam ser destacados aqui, mas chamamos atenção para o fato de que o *valor argumentativo* só pode ser estabelecido pela observação, descrição e explicação das relações que se estabelecem no nível intralinguístico, o que mostra sintonia com os postulados saussurianos.

Ducrot, no capítulo “La Sémantique Argumentative peut-elle se réclamer de Saussure?”<sup>6</sup> (2006) esclarece que a TAL se opõe ao referencialismo e ao cognitivismo, na medida em que “o primeiro [...] consiste em mostrar 'na realidade' objetos ou estados de coisas, ou ainda supor classes de objetos ou estados que constituiriam o sentido das palavras.” e o segundo “[...] acredita, de fato, poder isolar 'conceitos', 'ideias', 'pensamentos' ou ainda 'representações' (termo julgado muitas vezes mais prudente), que o associaria às palavras enquanto seu 'sentido', as palavras servem somente para evocar essas representações sem serem uma parte constitutiva [...]” (DUCROT, 2006, p. 3). O semanticista esclarece que, segundo a TAL, não é possível descrever o sentido de uma palavra ou signo em si, uma vez que o signo mesmo já é um elemento constitutivo e assume que o sentido de uma entidade linguística consiste “[...] [n]um conjunto de encadeamentos argumentativos, ainda chamados 'argumentações', que estão relacionados pela língua a essa entidade.” (DUCROT, 2006, p. 5).

Os encadeamentos argumentativos são entendidos na Teoria da Argumentação na Língua como um conjunto de discursos doadores de sentido, constituídos por duas proposições ligadas por um conector do tipo *donc* (portanto) ou *pourtant* (no entanto). O primeiro chamado normativo, doxal, já que reflete um conjunto de juízos tidos como verdade ou evidência para uma sociedade; e o segundo, transgressivo, paradoxal, que contraria os princípios básicos e gerais que costumam orientar o pensamento humano. Demonstramos a seguir o que são encadeamentos normativos:

Enunciado (2) *João está atrasado, portanto deve apressar-se*

Enunciado (3) *se João está atrasado, então deve apressar-se*

Enunciado (4) *João está apressado porque está atrasado*

---

<sup>5</sup> [...] el valor argumentativo como el nivel fundamental de la descripción semántica.

<sup>6</sup> In. SAUSSURE, Louis de (Org.) *Nouveaux regards sur Saussure*. Genebra: Librairie Droz, 2006.

Nesse caso, os três enunciados apresentam o mesmo encadeamento *atraso* DC<sup>7</sup> *pressa* isto é, nos três enunciados o encadeamento argumentativo pode ser entendido como: *atraso portanto* *pressa*.

Quanto aos encadeamentos transgressivos, demonstramos a seguir:

Enunciado (5) *João está atrasado, mesmo assim não tem pressa*

Enunciado (6) *mesmo atrasado, João não tem pressa*

Enunciado (7) *embora esteja atrasado, João não se apressa*

Os enunciados (5), (6) e (7) apresentam a negação dos enunciados (2), (3) e (4), o que resulta no encadeamento argumentativo *atraso* PT<sup>8</sup> *neg*<sup>9</sup>-*pressa* que pode ser entendido como: *atraso no entanto* *sem pressa*.

Supondo termos esclarecido, mesmo que de forma breve, o conceito de encadeamento argumentativo, passamos agora à noção ducrotiana de *internalizador* para tratar do terceiro ponto desta seção: justificar a noção ducrotiana de *modificador* para a análise discursiva de diminutivos.

Em seu artigo, “Os Internalizadores”<sup>10</sup>, Oswald Ducrot esclarece que a noção de internalizador foi introduzida na Teoria a fim de possibilitar o início de uma classificação semântica das palavras da língua. Palavras descritas sempre em função do discurso, já que na compreensão da TAL: “Só o discurso é, portanto, doador de sentido.” (DUCROT, 2002, p. 7). À noção de internalizador, cabe acrescentar as explicações ducrotianas de *argumentação externa* (AE) e *argumentação interna* (AI).

Inicialmente, é preciso retomar que Ducrot elege para a Teoria da Argumentação na Língua (TAL) o método da abstração, ou seja, parte do *sentido* do *enunciado/discurso* para chegar, por abstração, à *significação*. Também é importante retomar que o olhar de Ducrot está voltado para as relações argumentativas inscritas na *significação* dos enunciados. Assim, o nível máximo de abstração na descrição semântica por ele proposta é alcançado quando se estabelece *encadeamentos argumentativos* que mobilizam, de forma interdependente, dois conceitos unidos por um conector. A importância da *argumentação interna* (AI), ou seja, da identificação do

---

<sup>7</sup> DC corresponde ao conector francês *donc*.

<sup>8</sup> PT corresponde ao conector francês *pourtant*.

<sup>9</sup> *Neg-* é utilizado para marcar todo tipo de negação.

<sup>10</sup> Para quem tem interesse, o artigo, de Oswald Ducrot, tem sua versão em português publicada na revista *Letras de Hoje* (2002).

potencial argumentativo de uma palavra em um determinado *enunciado* consiste em perceber que a *significação* de um termo define a *orientação argumentativa*, ou seja, o *encadeamento argumentativo* que funda aquele *enunciado*.

A Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), fase atual da TAL, ao evidenciar que não somente os encadeamentos argumentativos do tipo *portanto* (DC), mas também os encadeamentos argumentativos do tipo *no entanto* (PT) são argumentativos, permite ampliar e melhor explicar como a *significação* de um termo define ou altera a construção do *encadeamento argumentativo*<sup>11</sup> que funda determinado *enunciado*. Ducrot (2005, p. 62, tradução nossa) afirma que: “Se entende por sentido ou a significação de uma entidade e os aspectos que lhe estão associados. [...] os aspectos são conjuntos de encadeamentos.” Logo, cabe ao linguista semanticista, ao descrever a *argumentação interna* (AI) de determinada palavra, chegar ao *encadeamento argumentativo* que melhor parafraseia aquela palavra naquele *enunciado*.

A *argumentação interna* (AI) consiste nos encadeamentos que parafraseiam determinado termo. Assim, a palavra ou expressão cuja *argumentação interna* (AI) se pretende descrever semanticamente, não fará parte do encadeamento argumentativo. Carel e Ducrot (2005) mostram que é preciso considerar o *enunciado* do qual a palavra faz parte para descrever a *argumentação interna* (AI). O *encadeamento* é totalmente interno à palavra, mas cabe retomar que Ducrot produz sua teoria embebido na definição de *valor linguístico* de Saussure, ou seja, um signo só pode ser descrito em relação a todos os outros que estão na mesma construção sintagmática. Oswald Ducrot (2009, p. 23) esclarece que “[...] há encadeamentos argumentativos na própria significação das palavras e dos enunciados com os quais o discurso é feito.” Logo, descrever o *encadeamento argumentativo* que parafraseia determinada palavra ou *enunciado* é observar essa entidade em relação às outras palavras, seja do *enunciado*, seja do *discurso*. Para ilustrar a AI de uma palavra, imaginemos a seguinte situação. Após uma viagem, o filho vai à casa da mãe que o recebe com um banquete com todos os seus pratos preferidos e, após o almoço, diz:

Enunciado (8) *nada como a comidinha da mamãe!*

A AI de *comidinha da mamãe* poderia ser indicada pelo encadeamento *refeição*

---

<sup>11</sup> Sequência de dois segmentos de discurso, com interdependência de sentido, ligados por um conector (FLORES et al., 2009, p. 97).

DC *satisfação*.

Já a AE pode ser subdividida em AE à direita ou AE à esquerda, dependendo do lugar que a entidade que se deseja descrever sua AE ocupa no encadeamento. Fato que, por si só, já caracteriza o conceito de AE, é que o próprio elemento faz parte do encadeamento. Assim, Ducrot (2002, p. 9) afirma que: “Chamar-se-á argumentação externa (AE) de uma entidade a pluralidade dos aspectos constitutivos de seu sentido na língua, e que estão ligados a ela de modo externo.” Outra característica da AE, além de reafirmar a ideia de que apenas o discurso é doador de sentido, não interessando à TAL o que se passa na realidade, é o fato de que se é possível estabelecer a AE em DC, deve ser possível estabelecer para a mesma entidade uma AE em PT, ou seja, seu aspecto converso. Vejamos a seguinte situação, já descrevendo o uso do diminutivo. Um adolescente, ao chegar em casa, é intimado pelo pai

Enunciado (9) *precisamos ter uma conversinha!*

A descrição da AE de *conversinha* poderia ser indicada pelo encadeamento *conversinha DC diálogo sério*, mas também pelo encadeamento *conversinha DC neg-diálogo sério* se, na sequência, o pai parabenizasse o filho pela aprovação no vestibular.

O semantista observa, no entanto, que não é possível estabelecer a AI e AE de todas as palavras da língua, apenas das ditas “palavras plenas”, ou seja, aquelas que se caracterizam por apresentarem “conteúdo”, mas impossível para as palavras ditas “instrumentais ou gramaticais”, isto é, aquelas que não designam nem indivíduo, nem ação, nem estado ou propriedade. Observação que pode ser sistematizada e exemplificada no Quadro II (DUCROT, 2002, p. 10).

Quadro II – Os internalizadores

PALAVRAS PLENAS	PALAVRAS INSTRUMENTAIS		
Possível atribuir-lhes AI e AE, que possibilitam evocar discursos.  <i>Riqueza, força etc</i>	Impossibilidade de associar-lhes um conjunto específico de aspectos e discursos.		
	A. CONECTORES <i>donc...</i>	B. ARTICULADORES <i>mas..</i>	C. OPERADORES a) <i>modificadores</i> <i>pouco, um</i> <i>pouco, muito,</i> <i>certos</i> <i>empregos</i> <i>demais, fácil</i> <i>no sintagma</i> <i>problema fácil</i>
	b) <i>internalizadores</i> <i>outros empregos</i> <i>de demais,</i> <i>quase todos os</i> <i>empregos de em</i> <i>vão</i>		

Fonte: Ducrot (2002, p. 10, adaptado).

O leitor deve estar questionando-se sobre como abordar a questão do diminutivo, uma vez que não pode ser considerado uma palavra plena, nem uma palavra instrumental, nem mesmo uma palavra. Compartilhamos da compreensão de Silva (2002, p. 199, grifo da autora) que constata que “[...] a grande incidência de diminutivos nos dados das crianças fez com que observássemos o funcionamento dos mesmos [sic]. Isso nos levou a verificar uma relação argumentativa entre a base de palavra plena e o sufixo diminutivo, o qual parece funcionar como *um modificador*, uma vez que atenua a força argumentativa [...]”. Para a linguista, o sufixo diminutivo funciona como uma negação enfraquecida dos sentidos evocados pela palavra plena.

O percurso teórico até aqui realizado nos parece suficiente, não inesgotável, para descrever e explicar os sentidos produzidos pelo uso de diminutivos em uma perspectiva semântico-argumentativa. Cabe-nos ainda explicar como entendemos o processo de reconstituição do sentido, chamado leitura.

### **Leitura enunciativa: o diminutivo como produtor de sentidos**

A *leitura* é o centro de atenção de muitas pesquisas, tanto na área da Linguística, quanto na área da Educação. Provavelmente, o interesse por essa competência decorra das dificuldades na reconstituição do sentido que muitos

usuários de língua vêm demonstrando. Mesmo diante do elevado número de pesquisas que a tomam como objeto, é preciso reconhecer os limites de toda e qualquer pesquisa diante da complexidade do fenômeno da leitura. Fato já indicado por Teixeira (2005, p. 195), que alerta que “[...] é preciso considerar que a leitura é um fenômeno complexo que não se esgota em um só modo de olhar.” quer dizer, não importa sob qual abordagem teórica o fenômeno da leitura é observado, analisado, descrito ou explicado, nunca será possível dar conta de todas as suas sutilezas, logo, torna-se interessante reafirmar que nenhuma perspectiva teórica se sobrepõe às demais, apenas “olha” seu objeto a partir de alguns pressupostos e com objetivos diferentes.

Flores e Teixeira (2005, p. 8) referem que “[...] a leitura é também um fenômeno enunciativo.”, ou seja, o sentido para as teorias enunciativas é circunstancial ao acontecimento do *discurso*, quer na produção do *discurso*, quer na recepção do *discurso*.” Os autores destacam algumas consequências ao se tomar a *leitura* como um fenômeno enunciativo: (1) a cena enunciativa da leitura implica um leitor que reconstrói o *sentido* do *enunciado/discurso* a partir das indicações ali presentes, mas não há garantias de que a reconstrução que o leitor fará coincida com as representações que o *locutor* mobilizou; (2) a relação *intersubjetiva* que se produz na leitura é sempre inédita, já que o *sentido* não se dá *a priori*, mas resulta do processo de apropriação do texto pelo leitor, que mobiliza um determinado número de *associações* àquela *construção sintagmática*; e (3) a leitura é um ato singular, uma vez que cada leitor, até cada leitura de um mesmo leitor, mobiliza diferentes *associações*, considerando-se a impossibilidade de se construir, na escrita, e reconstruir, na leitura, um *sentido* único, absoluto e definitivo. Claro que há um limite e que não é possível fazer qualquer leitura, já que a própria *língua* impõe restrições. Compartilhando dessas posições, reconhecemos que as descrições e explicações dadas aqui podem ser abordadas de forma diferente por outros linguistas ou usuários de língua.

No que tange à leitura, esta pesquisa, compartilha, ainda, o ponto de vista de Azevedo (2016b, p. 75, grifo da autora) ao dizer: “Entendo por *leitura* o processo interativo do sujeito com o discurso escrito, com o propósito de constituir sentido no que está sendo lido.” O processo interativo não se dá apenas na horizontalidade do discurso, mas na busca de pressupostos. Além disso, a autora sistematiza o processo de leitura, em três níveis ordenados e hierarquicamente dispostos: (a) decodificação:

a decifração do código, reconhecimento e combinação de letras, palavras e enunciados; (b) compreensão: quando o leitor constitui, de modo analítico<sup>12</sup> e sintético<sup>13</sup>, o sentido das inter-relações das unidades e da totalidade semântica enunciativa do discurso; e (c) interpretação: quando o leitor estabelece relações entre o conteúdo temático e outros contextos de produção e recepção (AZEVEDO, 2016b, p. 75-76).

Reafirmando o compromisso da TAL com a concepção imanentista saussuriana que estabelece a descrição da língua na/pela língua, este estudo observa, descreve e explica o sentido produzido no enunciado em seu nível intra e interlinguístico, ou seja, a leitura, aqui, está limitada aos níveis da decodificação e da compreensão, uma vez que o nível da interpretação extrapola a característica imanentista da abordagem.

### **Vidinha, operaçãozinha, caso e casinho: o diminutivo em uso**

Esta seção pretende descrever e analisar três discursos da crônica “Diminutivos”, de Luís Fernando Verissimo. Nossa decisão em apresentar alguns excertos da crônica é motivada pelos limites impostos por um artigo, bem como pelas restrições de uma pesquisa ainda em fase inicial, que não pretende esgotar a discussão, mas apresentar uma contribuição para a compreensão do *diminutivo* como um importante produtor de sentidos. Vamos a eles, partindo dos seguintes discursos presentes na crônica.

Discurso (1) *Se alguém diz, por exemplo, “Ó vidinha!” você sabe que ele está se referindo a uma vida com todas as mordomias*

A AE de *vidinha*, poderia ser indicada pelo encadeamento: *vidinha* DC *mordomias*. A análise via *aspectos argumentativos* tem a vantagem de explicar o sentido de discursos escritos pelas relações inter e intralinguísticas, diferente do que propõe Verissimo, que atribui a diferença de sentido à inflexão de voz.

Façamos agora a AI de *vidinha*. Um possível encadeamento seria *existência* DC *privilégios*, o que colabora para a descrição semântica de *vidinha*, isto é, colabora para a (re)constituição de seu sentido no discurso do qual faz parte. Observe-se que

---

<sup>12</sup> A compreensão analítica consiste na decomposição da totalidade do discurso em partes (enunciados, palavras), com o intuito de examinar cada uma das partes e das relações entre estas.

<sup>13</sup> A compreensão sintética consiste na recomposição do discurso, observadas as inter-relações semânticas previamente compreendidas por análise.

para fazer a AI de *vidinha* é necessário considerarmos os outros termos que estão em relação no discurso analisado.

Discurso (2) *uma operaçãozinha é uma mera formalidade. Anestesia local e duas aspirinas depois. Uma coisa tão banal que quase dispensa a presença do paciente.*

Começos nossa análise pela AE de *operaçãozinha*, que pode ser representada da seguinte maneira: *operaçãozinha DC mera formalidade* e *operaçãozinha DC banal*.

Já a AI de *operaçãozinha* poderia ser indicada pelo encadeamento: *intervenção cirúrgica PT sem gravidade*.

O próximo discurso corrobora o que propõe Silva (2002), de que o uso do diminutivo pode ser observado como uma negação atenuada dos sentidos evocados pela palavra plena.

Discurso (3) *entre ter um caso e ter um casinho a diferença, às vezes, é a tragédia passiona*

Nesse discurso, para que possamos depreender a AE, é necessário que antes seja feita a AI de *caso* e de *casinho*. A AI de *caso* pode ser indicada pelo encadeamento: *aventura amorosa PT compromisso*. Já a AI de *casinho* pode ser descrita pelo seguinte encadeamento: *relacionamento amoroso casual DC pouco importante*.

Com base na AI de *caso* e de *casinho*, uma possível AE seria: *caso DC tragédia passiona* e *casinho DC neg-tragédia passiona*.

Cabe-nos reafirmar a ideia ducrotiana de que não interessa à descrição semântica o que acontece na realidade, mas as possibilidades e restrições impostas ao discurso que atualiza (coloca em ato), nesse caso a palavra no diminutivo.

### **Considerações: um grãozinho de areia**

Como referido na Introdução deste artigo, o que trazemos são os primeiros resultados da investigação sobre o uso de diminutivos e que, nesse interim, já abriu para novos questionamentos, tais como: qual a diferença de sentido produzida pelo emprego de diferentes sufixos diminutivos como, por exemplo: *casinha* e *casebre*; *gentinha* e *gentalha* etc.? Em diferentes usos, sufixos diferentes agregados à mesma



palavra plena produzem o mesmo sentido? O potencial argumentativo está na atualização de um sufixo dentre outros, ou na atualização de determinado elemento e determinado sufixo? Em outras línguas, o diminutivo apresenta a mesma potencialidade, trata-se de um fato de língua ou da Língua Portuguesa especificamente? Como se vê, há muito a ser pesquisado nesse sentido.

Como linguistas, a pesquisa já indica que a descrição linguística do diminutivo como *modificador* proporciona explicações da constituição dos sentidos em nível intra e interlinguísticos consistentes teoricamente. Como usuários de língua, a compreensão do sentido produzido pelo uso de diminutivos, potencializa a produção escrita e a leitura proficiente de discursos nas mais diferentes interações.

Outro fato semântico que ainda pode ser explicado pela noção de *modificador* é o aumentativo. A descrição semântica de sufixos diminutivos pode ser estendida aos sufixos aumentativos? Ainda é preciso pesquisar como é possível transpor didaticamente os resultados linguísticos da descrição semântica do diminutivo para aulas de língua.

Encerramos este artigo, mas não a pesquisa, pois, como dissemos, ainda há muitas questões que podem e devem ser esclarecidas. Fica o convite ao leitor para contribuir com a clarificação dessas e de outras questões.

## Referências

AZEVEDO, Tânia Maris de. Encadeamentos argumentativos, relações sintagmáticas e associativas: reflexão sobre o ensino da leitura. *Antares*, Caxias do Sul, v. 8, n. 15, p. 48-65, jan.-jun. 2016a.

AZEVEDO, Tânia Maris de. Polifonia linguística: uma proposta de transposição didática para o ensino de leitura. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 51, n. 1, p. 73-81, jan.-mar. 2016b.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos*. 1. ed., Buenos Aires: Colihue, 2005

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DUCROT, Oswald. *Polifonía y argumentación – conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso*. Cali: Universidad del Valle, 1990.

DUCROT, Oswald. La Sémantique Argumentative peut-elle se réclamer de Saussure? In. SAUSSURE, Louis de (Org.) *Nouveaux regards sur Saussure*. Genebra: Librairie Droz, 2006.

DUCROT, Oswald. Argumentação retórica e argumentação linguística. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 20-25, jan.- mar. 2009.

DUCROT, Oswald; Trajetória e legado de um filósofo da linguagem: Oswald Ducrot. *Revista Investigação*, v. 25, n. 2, p. 11-17, jul., 2012.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Carmen Luci da Costa. Argumentação e aquisição: o que revelam os “dizeres” da criança sobre essa relação? *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 193-205, set. 2002.

TEIXEIRA, Marlene. É possível a leitura? *Revista Nonada*: Porto Alegre, ano 8, n. 8, 2005, p. 195-204.

VERISSIMO, Luis Fernando. Diminutivos. In. *Comédia da vida privada*. 101 crônicas escolhidas. Porto Alegre: LP&M, 1994.

## ANEXO 1

### DIMINUTIVOS

*Sempre pensei que ninguém batia o brasileiro no uso do diminutivo, essa nossa mania de reduzir tudo à mesma dimensão, seja um cafezinho, um cineminha ou uma vidinha. Só o que varia é a inflexão da voz. Se alguém diz, por exemplo, “Ó vidinha!” você sabe que ele está se referindo a uma vida com todas as mordomias. Nem é uma vida, é um comercial de cigarro com longa metragem. Um vidão. Mas se disser “Ah vidinha...” o coitado está se queixando dela e com toda a razão. Há anos que o seu único divertimento é tirar sapatos e fazer xixi. Mas nos dois casos o diminutivo é usado com o mesmo carinho.*

*O francês tem o seu tout petit peu, que não é um diminutivo, é um exagero. Um “pouco todo pequeno” é muita explicação para tão pouco. Os mexicanos usam o poco, o poquito e – menos ainda do que o poquito – o poquetim! Mas ninguém bate o brasileiro.*

*Era o que eu pensava até o dia, na Itália, em que ouvi alguém dizer que alguma coisa duraria um mezzoretto. Não sei se a grafia é essa mesma, mas um povo que consegue, numa palavra, reduzir uma meia hora de tamanho – e você não tem nenhuma dúvida de que um mezzoretto dura os mesmos 30 minutos de uma meia*

hora convencional, mas passa muito mais depressa – é invencível em matéria de diminutivo.

O diminutivo é uma maneira ao mesmo tempo afetuosa e precavida de usar a linguagem. Afetuosa porque geralmente o usamos para designar o que é agradável, aquelas coisas tão afáveis que se deixam diminuir sem perder o sentido. E precavida porque também o usamos para desarmar certas palavras que, na sua forma original, são ameaçadoras demais.

Operação, por exemplo. É uma palavra assustadora. Pior do que intervenção cirúrgica, porque promete uma intromissão muito mais radical nos intestinos. Uma operação certamente durará horas e os resultados são incertos. Suas chances de sobreviver a uma operação... sei não. Melhor se preparar para o pior.

Já uma operaçãozinha é uma mera formalidade. Anestesia local e duas aspirinas depois. Uma coisa tão banal que quase dispensa a presença do paciente.

– Alô, doutor? Olha, aquele meu quisto no braço direito que nós íamos tirar hoje? A operaçãozinha? – Sim.

– Não vou poder ir, mas o Asdrúbal vai no meu lugar.

– O Asdrúbal?

– Meu assistente direto aqui na firma. Homem de confiança.

– Mas ele vai fazer a operaçãozinha por você?

– Ele é o meu braço direito, doutor.

Se alguém disser que precisa ter uma conversa com você, cuidado. É coisa da maior importância. Os próprios destinos do Pacto do Atlântico podem estar em jogo. Uma conversa é sempre com hora marcada.

Já uma conversinha raramente passa do nível da mais cândida inconsequência. E geralmente é fofoca. A hora para uma conversinha é sempre qualquer hora dessas.

Num jogo você arrisca tudo, até a hora. Num joguinho aceita-se até o cheque frio.

Entre ter um caso e ter um casinho a diferença, às vezes, é a tragédia passional.

No Brasil, usa-se o diminutivo principalmente com relação à comida. Nada nos desperta sentimentos tão carinhosos quanto uma boa comidinha.

– Mais um feijãozinho?

O feijãozinho passou dois dias borbulhando num daqueles caldeirões de antropófagos com capacidade para três missionários. Leva porcos inteiros, todos os miúdos e temperos conhecidos e, parece, um missionário. Mas a dona da casa o trata como um mingau de todos os dias.

– Mais um feijãozinho?

– Um pouquinho.

– E uma farofinha?

– Ao lado do arrozinho?

– Isso.

– E quem sabe uma cervejinha?

– Obrigadinho.

O diminutivo é também uma forma de disfarçar o nosso entusiasmo pelas grandes porções. E tem um efeito psicológico inegável. Você pode passar horas tomando cervejinha em cima de cervejinha sem nenhum dos efeitos que sofreria depois de apenas duas cervejas.

– E agora, um docinho.

E surge um tacho de ambrosia que é um porta-aviões.

(Luís Fernando Verissimo. Diminutivos. Comédia da vida privada. 101 crônicas

escolhidas. Porto Alegre: LP&M, 1994.)